

Die Wiederherstellung des Geistes

André Guedes

O que será dos nossos sonhos neste país desgarrado...?¹

O papel que o governo alemão está a desempenhar desde o surgimento da crise europeia não só revela uma atitude autoritária e despótica em termos de controlo político, económico e social, mas também, numa perspetiva cultural e psicanalítica, uma espécie de complexo coletivo derivado das feridas mal curadas da sua própria história recente. Nos anos sessenta, alguns intelectuais alemães, e especialmente os realizadores do *Neuer Deutscher Film*, ocuparam-se de examinar e interrogar-se sobre este trauma não resolvido. No final dos anos setenta, e como resposta a uma das mais graves crises políticas que a Alemanha viveu, em 1977, e que tinha a ver com uma série de acontecimentos relacionados com o grupo terrorista RAF², surgiu a ideia de realizar um filme distintamente germânico que refletisse, através de uma série de episódios, as emoções e os diferentes pontos de vista acumulados sobre aqueles acontecimentos. O certo é que nesse momento se tinha a impressão de se estar a viver sob uma histeria geral contra os terroristas e a perseguição indiscriminada dos seus simpatizantes; sob uma ameaçadora criminalização de toda a crítica em torno das circunstâncias; e, em resumo, sob um receio e um temor geral da censura que então se estava a impor.

Deutschland im Herbst (Alemanha no outono) constituiu um projeto cinematográfico coral no qual participaram oito realizadores pertencentes ao novo cinema alemão, entre os quais estavam Alexander Kluge e Rainer Werner Fassbinder. Este último deu lugar ao fragmento mais intimista e célebre do filme, fazendo uma transposição clara e exibicionista entre a situação vivida no país e a sua pessoal, no seu próprio apartamento, com a sua mãe e com o seu amante. Assim, podemos ver o realizador a trabalhar no argumento da série *Berlin Alexanderplatz*; a responder a constantes telefonemas que informam da evolução dos sucessos; a solicitar droga ao seu *dealer*; a discutir verbal e fisicamente com Armin, o seu amante, sobre a crise política em curso; e a debater exaltadamente com a sua mãe Lilo, fazendo-a ver os equívocos da sua visão burguesa sobre os atos terroristas. Neste apaixonante e revelador episódio, Fassbinder expõe com uma sinceridade assustadora a sua impotência, medos e desespero perante a situação política do país.

Esta introdução vem a propósito da exposição de André Guedes, *Die Wiederherstellung des Geistes* (A Recuperação do Espírito), com a qual o artista se apresenta pela primeira vez na galeria Vera Cortês. Ainda que o título do projeto, assim como cada um dos seus dispositivos e representações culturais sejam inconfundivelmente germânicos, não estamos perante um projeto sobre a idiosincrasia alemã ou as suas derivas históricas. Como em alguns trabalhos anteriores de Guedes, o início deste projeto tem um carácter fortuito. Uma monografia sobre a Bauhaus³, propriedade do artista, é afetada por uma inundação doméstica, revelando assim, a cada página ilustrada, – ainda com mais ênfase se possível – a manifesta falência daquele

projeto utópico. A partir desta pequena revelação privada, o artista posiciona-se criticamente e no presente sobre a condição autoritária e repressiva de uma nação, Alemanha, que hoje em dia age como uma caixa de ressonância letal para o resto da Europa.

Da mesma forma que Robert Walser ou W.G. Sebald trabalharam o ensaio histórico, André Guedes, como artista, adota um método de pesquisa crítica, ao dar voz a personagens reais e de ficção, fazendo comparecer com a mesma força o facto histórico e as recreações literárias ou artísticas, mostrando a promiscuidade entre ambos os registos como duas formas de experiência que se fundem com a necessidade de uma lei física.

Grande parte deste projecto é composto por uma série de imagens recuperadas do referido livro, agrupadas por famílias, que vão desde o documento fotográfico ou a reprodução de pinturas e arquiteturas características da Bauhaus, até uma série de *bicromos* elaborados pelo artista que se desdobram no espaço e que parecem assinalar a persistência da pintura como espaço de liberdade, tal como aconteceu após a aniquilação da Bauhaus na Alemanha e o subsequente florescimento, por parte de alguns dos seus autores, das poéticas abstratas no novo cenário americano. Junto a este repertório de imagens alteradas pela humidade e necessariamente reinterpretadas a partir de uma expressividade accidental, incorporam-se uma série de textos que Guedes elaborou de modo oblíquo a partir de fontes históricas e ficcionais. O pensamento de alguns dos realizadores do novo cinema alemão, tanto na sua própria voz como na das suas personagens de ficção, convive com outras vozes reflexivas pertencentes a outros contextos e a momentos históricos diversos. O cinema de Kluge, e especialmente o seu filme *Die Artisten in der Zirkuskuppel: Ratlos* (Os Artistas sob a Cúpula de Circo: Perplexos) (1968) assim como a sua intervenção no debate televisivo *Reformzirkus* (Circo de Reformas) (1970), junto com as ações do coletivo comunista de estudantes e de trabalhadores do cinema (Rosta Kino) e o documentário de Jean-Gabriel Périot, *Une Jeunesse Allemande* (2015)⁴, alimentam grande parte dos diálogos que acompanham, sem relação aparente, estas imagens. André Guedes actua como um montador cinematográfico ou com a liberdade própria de um autor literário, criando diálogos de cariz político que incidem sobre temas como a desintegração dos ideais, o carácter repressivo dos estados ou as profundas contradições entre ética, arte e capitalismo.

Uma das imagens do dito livro refere-se ao *foyer* do Stadttheater de Jena, remodelado no início dos anos vinte por Walter Gropius e Adolf Meyer na então instaurada República de Weimar. Nesta imagem aparecem duas colunas quadrangulares que incorporam (cada uma) no seu perímetro inferior assentos de oito lugares. Guedes vê nesta arquitetura simples a oportunidade para criar um novo dispositivo formal e concetual dentro do projeto. *Oktett* é a recreação fiel de uma destas colunas, e age como elemento central no percurso expositivo remetendo para um espaço de espera e de trânsito no teatro

Die Wiederherstellung des Geistes

André Guedes

que antecede a representação teatral ou a projeção cinematográfica. Porém, Guedes converte este espaço no lugar da ação. Oito cidadãos alemães residentes em Lisboa ocuparão consecutivamente cada um destes assentos durante o tempo da exposição para dissertar sobre o teatro e a história, atravessando – como acontece nas páginas do livro depois do acidente – dimensões diferenciadas, escalas da história, narrativas públicas e privadas que nos ajudem a limar as incertezas do passado e a carga que a história coloca sobre os nossos ombros.

Juan de Nieves

1. Wolf Biermann em *Deutschland im Herbst*.
2. *Rote Armee Fraktion* (Fração do Exército Vermelho), grupo criado por Andreas Baader e Ulrike Meinhoff com o objetivo de demonstrar, através de todo o tipo de atos terroristas dirigidos contra a oligarquia da Alemanha Ocidental e contra os interesses militares dos EUA na Europa, a autêntica natureza repressiva do Estado Alemão.
3. *Bauhaus Archiv 1918-1933*, Magdalena Droste, Benedikt Taschen Verlag, Colónia, 1990.
4. Longa-metragem documental sobre a história da RAF e as imagens que esta história gerou. O filme é composto unicamente a partir da montagem de arquivos sonoros e visuais preexistentes.

Die Wiederherstellung des Geistes

André Guedes

What will become of our dreams in this wayward country...?¹

The role that the German government has assumed from the very beginning of the European crisis reveals not only an authoritarian and despotic attitude in terms of political economic and social control, but also, and from a cultural and psychoanalytical perspective, a sort of collective complex derived from the poorly healed wounds of their own recent history. In the 1960s, a few German intellectuals, and especially the directors of the *Neuer Deutscher Film*, occupied themselves with examine and interrogating themselves about this unresolved trauma. At the end of the 1970s, and as a response to one of the most serious political crisis which Germany experienced, in 1977, and which had to do with a series of facts related to the terrorist group RAF², arose the idea of directing a distinctly German film reflecting, in a series of episodes, on the emotions and different points of view which had accumulated around those events. What is certain, is that in this moment one had the impression of living under a general hysteria against the terrorists, with an indiscriminate persecution of their sympathizers; under a threatening criminalization of all critique surrounding those circumstances; and in general, under the hesitancy and general fear of the censorship which was taking hold.

Deutschland im Herbst (Germany in Autumn) constituted a choral cinematographic project in which eight directors belonging to the New German Cinema participated, among them were Alexander Kluge and Rainer Werner Fassbinder. This last director gave way to the most intimate and celebrated fragment of the film, creating a clear and exhibitionist transposition between the situation being lived in the nation and his personal sphere, in his own apartment, with his mother and with his lover. As such, we may see the director at work on the script for the series *Berlin Alexanderplatz*; responding to constant telephone calls informing him of the evolution of the successes; trying to score drugs from his dealer; arguing, verbally and physically with Armin, his lover, about the ongoing political crisis; and exaltedly arguing with his mother Lilo, trying to explain the error of her bourgeois rationale regarding the terrorist acts. In this passionate and revealing episode, Fassbinder exposes — with frightening sincerity — his impotence, fear and despair regarding the political situation of the nation.

This introduction arises in relation to the exhibition of André Guedes, *Die Wiederherstellung des Geistes* (The Recuperation of the Spirit), with which the artist presents his work — for the first time — in the gallery Vera Cortês. Even if the title of the exhibition, and each of its mechanisms and cultural models are unmistakably German, we are not amidst a project regarding German idiosyncrasies or their historical effluence. As in some of the earlier work of Guedes, the beginning of this project has a fortuitous character. A monograph about the Bauhaus³, belonging to the artist, is affected by a household flood revealing, in each illustrated page — and with even more

emphasis if possible — the manifest decadence of that utopian project. Starting off from this small private revelation, the artist positions himself critically, and presently, regarding the authoritarian and repressive condition of a nation, Germany, which today is acting as a lethal resonance chamber for the rest of Europe.

Just as Robert Walser or W.G. Sebald have done in their historical essays, André Guedes, as an artist, adopts a method of critical research, in giving voice to real and fictional characters, invoking with equal strength historical fact and literary and artistic recreations, revealing the promiscuity between both records as two forms of experience which merge with the inevitability of a law of physics.

The crux of this project is structured by a series of images recuperated from the referred book, grouped in families, which range from photographic documents or reproductions of paintings and architectures characteristic of the Bauhaus, even a series of monochromes elaborated upon by the artist which unfold within the space and which appear to signal the persistency of painting as the space of freedom, just as it happened following the extermination of the Bauhaus in Germany and the subsequent blossoming, in part by several of its main figures, of the abstract poetics in the new American scene. Alongside this repertoire of images altered by humidity and necessarily reread under the influence of an accidental expressivity, the show includes a series of texts in the form of oblique dialogues produced by Guedes and based on historical and fictional sources. The thoughts of some of the directors of the new German cinema, as much in their own words as in those of their fictional characters, coexist with other reflexive voices belonging to other contexts and to diverse historical moments. The cinema of Kluge, and especially his film *Die Artisten in der Zirkuskuppel: Ratlos* (The Artist in the Circus Dome: Clueless) (1968), as well as his intervention in the televised debate *Reformzirkus* (1970), along with the actions of the communist collective of cinema workers and students (Rosta Kino) and the documentary of Jean-Gabriel Périot, *Une Jeunesse Allemande* (2015)⁴, feed the majority of the dialogues which accompany, without any apparent relation, these images. André Guedes acts as a cinematic editor or with the freedom of a literary author, giving place to dialogues of a political tone that focus on themes such as the disintegration of ideals, the repressive character of States or the profound contradictions between ethics, art and capitalism.

One of the images from said book refers to the foyer of the *Stadttheater Jena*, remodeled in the early years of the 1920's by Walter Gropius and Adolf Meyer in the recently established Weimar Republic, wherein the Bauhaus was founded. In this image there are two quadrangular columns which incorporate (each one) in their lower perimeter seating for eight persons. Guedes saw in this simple architecture an opportunity to create a new formal and conceptual platform within the project. *Oktett* is the faithful recreation of one of these columns, and acts as a central element in the trajectory of the

Die Wiederherstellung des Geistes

André Guedes

exhibition, harkening back to the space of wait and transit in theater prior to a theatrical presentation or cinema projection. However, Guedes converts this space into a locus of action. Eight German citizens, residents of Lisbon will occupy each of these seats during the time of the exhibition to dissertate about theater and history, crossing over—as it happens in the pages of the book following the flood—differentiated dimensions, scales of history, public and private narratives which help us to file away the uncertainties of the past and the weight that history puts upon our shoulders.

Juan de Nieves

1. Wolf Biermann in *Deutschland im Herbst*.
2. *Rote Armee Fraktion* (Red Army Faction), group created by Andreas Baader and Ulrike Meinhoff with objective of demonstrating, through all types of terrorist acts directed towards the West German oligarchy and against the military interests of the USA in Europe, the authentically repressive nature of the Germanic State.
3. *Bauhaus Archiv 1918–1933*, Magdalena Droste, Benedikt Taschen Verlag, Cologne, 1990.
4. Full-length documentary about the history of the RAF and the images which this story generated. The film is composed solely from pre-existing audio and visual archives.